

Sexualidade, Religião e Lugar Social

ANA ELISABETH BARROS

COORDENADORA DO PROJETO JUVENTUDE E DIVERSIDADE SEXUAL. DOUTORANDA DO IMS / UERJ.

No mundo contemporâneo, vivemos mergulhados em um verdadeiro turbilhão de informações, e, muitas vezes, não sabemos discernir entre tantos pontos de vista que se impõem sobre nossa existência. Tais informações nos chegam de diversos lugares: através da família, da comunidade, da mídia, das conversas nas noites – elas nos chegam por todos os nossos sentidos. Mas o que elas nos dizem?

Elas podem ser comparadas a vozes, o tempo todo a proclamar sobre como devemos conduzir nossa existência, nosso modo de vestir, de andar, de namorar, de "ficar", de crer, de fazer sexo, de colocar em prática nossa orientação de gênero, etc. Contudo uma informação não é apenas a emissão de uma opinião ao acaso. Na maioria das vezes, ela constitui uma posição assumida por uma pessoa ou grupos de pessoas, que impregna nossa mente e nosso corpo. Como então nos posicionarmos diante desta problemática tão comum nos dias de hoje? Acreditamos que é confrontando e expondo nossas opiniões que podemos nos tornar conscientes de quem somos e de nossos direitos de cidadãos.

Sexualidade e religião certamente não são palavras mencionadas comumente num mesmo contexto. Mas com a crescente onda de luta pelos direitos civis dos casais *gays* em várias partes do mundo (inclusive nos grandes centros urbanos brasileiros), acreditamos ser este mais um dos temas que devem ser discutidos amplamente, visto que ele desvela velhos preconceitos sobre as escolhas ou orientações sexuais e sua relação com as posturas religiosas. É importante para a comunidade *gay* mencionar a palavra Religião com toda a liberdade e coragem permitida a qualquer ser humano.

Nesta edição, o **Extra G** traz como um de seus temas uma discussão sobre as importantes transformações culturais que atravessam a contemporaneidade e a diversidade sexual entre os grupos *gays*. Esta problemática é abordada na incursão histórica sobre o projeto HSH (Homens que Fazem Sexo com Homens) realizada por Richard Parker.

A edição traz ainda informações sobre a ampliação do projeto "Juventude e Diversidade Sexual", sob a coordenação de Vagner de Almeida e Ana Elisabeth Barros, e do Projeto PACT-ABIA.



Homossexualidade e religiosidade na ótica da Igreja da Comunidade Metropolitana

Fotos Josias Freitas



“Quando eu me aceitei homossexual tive que escolher. Ou continuava com a minha vocação pastoral ou procurava um outro ramo.”



nossa oficina: "Quintas transgressivas: oficina de conscientização sobre saúde e direitos sexuais" (incluída no projeto HSH-ABIA), realizada no dia 11 de novembro de 2004, teve como convidado o pastor da primeira Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro e estudante de pós-graduação de teologia Instituto Benett, **Marcos Gladstone**. Na ocasião assistimos ao filme "O Padre" e em seguida tivemos a oportunidade de conhecer um pouco do pensamento do pastor Marcos. O debate contou com a presença dos jovens HSH (Homens que Fazem Sexo com Homens), além de participações como a de Sonia Corrêa (Rede Dawn/ABIA).

O que você pensa sobre a atitude do padre (Greg) em relação aos seus desejos homoeróticos?

“Deus criou o ser humano para viver com plenitude, isto significa, entre outras coisas, assumir-se para si e para o mundo.”

De que maneira você compreende a relação entre sexualidade e religião?

“Eu acho que a pessoa tem que ser o que ela é, que ela não tem que vir para a Igreja colocando uma máscara, fingindo, colocando uma roupa de padre, quando botava o colarinho, ele não podia mais ser e fazer aquilo que tinha vontade (...).”

Com foi para você conciliar sua vocação religiosa e sua orientação sexual?

“Quando eu me aceitei homossexual eu tive que escolher (pensei). Ou eu continuava com a minha vocação pastoral ou procurava um outro ramo (...). Encontrei a Igreja Metropolitana (...).”

Como as pessoas reagem ao saber que você é pastor de uma Igreja que aceita a diversidade sexual?

“Tenho posto a cara. Todos sabem que sou gay e a experiência tem sido boa. Isto significa que não devemos nos esconder atrás de qualquer sistema”.

Recentemente, assistimos a reeleição do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, consagrada por uma exacerbção de uma moral religiosa. Qual seu posicionamento acerca deste assunto (política e religião)?

“Eu quase chorei no dia em que o Bush ganhou. Será uma tristeza porque o mundo sentirá o reflexo disso nos próximos quatro anos, pelo menos. Reflexos de moralismo, reflexo de não poder fazer muitas coisas. Acho que o governador, o legislador, enfim, qualquer pessoa que exerça o poder não pode ser de religião nenhuma, ela tem que governar sempre para o povo. Quando ele tem uma religião, isto influencia muito, conforme a moral que ele adota”.

Como enfrentar o preconceito e a discriminação advindos do mundo religioso?

“A comunidade GLS ainda não aprendeu que tem número muito maior, e que se ela se organizasse e estabelecesse um diálogo, poderia obter muito mais coisas”.

“Eu acho que a pessoa tem que ser o que ela é, que ela não tem que vir para a Igreja colocando uma máscara, fingindo.”

Resenha

O PADRE (The Priest, Inglaterra, 1994.) As idéias, valores e crenças (sobretudo relativas à sexualidade e à religião) são o foco da trama, que tem como personagens centrais os Padres Matthew (Tom Wilkinson) e Greg (Linus Roach). Ao chegar à sua nova paróquia em Liverpool, Greg toma conhecimento de que Matthew mantém relações sexuais com uma governanta, quebrando a norma do celibato. O gradativo afastamento de Matthew dos dogmas tradicionais da Igreja Católica, torna-o mais comprometido com os valores espirituais, do que com as concepções de hierarquia que perpassam sua ordem religiosa. A vivência de Greg como padre daquela paróquia, irá colocar em questão dois preceitos religiosos: o celibato e o segredo da confissão. O primeiro devido às suas inclinações homoeróticas, e o segundo devido à confissão de uma jovem que foi abusada sexualmente pelo pai (incesto).

As experiências com que Greg esteve envolvido nos levam ainda a pensar no fato de que não devemos julgar as pessoas precipitadamente, apenas por suas diferenças em relação a nós ou porque não acreditam nas mesmas coisas em que acreditamos.

O filme sugere-nos reflexões acerca de questões como os argumentos de que a Igreja Católica utiliza-se para sustentar sua contraposição às práticas homoeróticas.

Temas gerais: celibato; incesto; abuso sexual; homoerotismo; confissão.



Emponderamento Erótico e Cidadania Sexual para Homens que Fazem Sexo com Homens e Tribos Afins

RICHARD PARKER

DIRETOR-PRESIDENTE DA ABIA, PROFESSOR E CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIOMÉDICAS NA ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA - NOVA IORQUE.



Para trabalhar o tema HIV/AIDS com o público homossexual, é necessário, por um lado, respeitar-se a diversidade erótica que existe dentro dessa população e, por outro, a cidadania. É preciso haver também um respeito pelos direitos e uma luta constante contra a violência, a discriminação e o estigma que cercam esse campo. Ao longo dos dez anos de trabalho da ABIA, esses dois pólos, o erótico e o da cidadania, têm sido uma constante no nosso dia-a-dia.

Podemos dividir nossa trajetória em duas etapas. A primeira, compreendida entre os anos de 1993 até 1998, mais ou menos, foi marcada pelo Projeto Homossexualidades ou Projeto HSH-Homens que Fazem Sexo com Homens. A segunda, iniciada em 1999, abrange o Projeto Juventude e Diversidade Sexual, às vezes denominado HSH Jovem, que tem vários sub-projetos sobre a prostituição masculina, a homossexualidade dentro do contexto das religiões afro-brasileiras, entre outros.

A primeira etapa desse trabalho, a partir de 1993, foi desenvolvida em parceria com várias outras organizações – quase todas do movimento homossexual, como

os grupos Pela Vidda do Rio de Janeiro e de São Paulo, os grupos Atobá, Arco-Íris e 28 de junho, além do Instituto de Medicina Social – e o apoio financeiro de diversas fontes. A existência de diferentes linhas de financiamento, inclusive, impediu que nos tornássemos dependentes de uma única agência, permitindo uma maior liberdade para desenvolver trabalhos para o público homossexual.

O Projeto HSH teve dois pontos de partida. O primeiro foi o que em inglês chamamos de *the cap gap* – pesquisas comportamentais, realizadas no início dos anos noventa entre vários grupos, as quais mostravam que, apesar do alto nível de conhecimento sobre o HIV/AIDS, as práticas de risco ainda persistiam. O segundo ponto de partida foi a distinção feita entre os conceitos de identidade sexual e comportamento e prática sexual, uma vez que no Brasil as práticas homossexuais não significam necessariamente a construção de uma identidade *gay*.

Um Produto Cultural

A idéia de que a sexualidade é social e culturalmente construída foi muito importante para o desenvolvimento desse trabalho. É ela que nos permite pensar que

Foto Wagner de Almeida

a sexualidade também pode ser desconstruída e reconstruída dentro do contexto de programas de prevenção e de um trabalho político.

O desenho do Projeto HSH foi construído com base em uma dinâmica de intervenção, na tentativa de alcançar as pessoas onde elas estão e de iniciar um diálogo. Tinha, também, um componente de pesquisa muito importante, a fim de mapear onde o trabalho deveria ser realizado, e a construção do que chamávamos de espaços seguros, para onde as pessoas podiam ir a fim de receber apoio social e psicológico. Essas atividades incluíam também: a pesquisa formativa; um trabalho de produção de material educativo; a colaboração com estabelecimentos comerciais, tais como bares, saunas etc.; a colaboração com a rede de saúde pública no Rio de Janeiro e em São Paulo; a realização de uma série de seminários; a distribuição de preservativos; entre outras.

Nos dois primeiros anos de trabalho, dávamos uma ênfase muito forte à erotização do sexo seguro, a fim de contra-argumentar a idéia de que ele seria uma forma de impedir o prazer. Havia, também, a intenção de alcançar públicos diferenciados, como o de homens que não se identificam como homossexuais. Criamos, baseados em um mapeamento feito no Rio de Janeiro e em São Paulo, guias *gays*, no intuito de apoiar a construção de comunidades homossexuais mais fortes e unidas nessas cidades.

Convite ao Diálogo

Ao longo dos anos, o trabalho foi caminhando para um compromisso com o ativismo e com a política. Adotamos, por exemplo, o uso de alguns dos símbolos internacionais da luta contra a AIDS. O famoso símbolo do movimento *gay* mundial foi aparecendo cada vez mais e passamos a utilizar os participantes dos nossos projetos como modelos e concebedores do material que produzíamos.

O objetivo desses materiais era fazer um convite ao diálogo, possibilitando um engajamento político mais

amplo. Eles eram usados muito mais como cartões de visita do que como peças educativas, no seu sentido tradicional. Esses cartões de visita foram o ponto de partida para o trabalho de intervenção realizado em diversos locais e, principalmente, na sede da ABIA. Naquela primeira etapa, até 1997, a produção no projeto foi bastante ampla e o mais notável é que cobria, por um lado, um grande leque de produtos mais acadêmicos, e produtos mais populares, por outro. Os métodos de avaliação, naquele primeiro momento, foram três: pesquisas transversais consecutivas, que foram realizadas em 1990, 1993 e 1995, e depois não foram continuadas por falta de verba; o monitoramento etnográfico contínuo, realizado entre 1990 e 1997; e os grupos focais com diversas populações envolvidas no projeto, a fim de avaliar a penetração deste dentro da comunidade, independente da participação que o indivíduo teria ou não dentro do projeto. Os resultados mostraram que houve um aumento considerável no uso do preservativo e uma mudança de atitude frente à AIDS, com uma redução do estigma na própria comunidade homossexual e uma conscientização em relação aos direitos.

Segunda Etapa

A segunda etapa desse trabalho, realizada ao longo dos últimos anos, basicamente de 2000 até o presente, é chamada de Juventude e Diversidade Sexual. Nela, tem-se como objetivo priorizar um trabalho para os jovens, destacando-se a vulnerabilidade em potencial dos jovens homossexuais. A violência estrutural que existe na sociedade brasileira faz com que a epidemia atinja cada vez mais os jovens em situação de pobreza marginalizados pelo sistema, na periferia das grandes cidades. Há pelo menos cinco eixos dessa desigualdade que devem ser levados em conta: a idéia da pobreza e exploração econômica; a opressão de gênero; a questão sexual; o racismo e a discriminação étnica; e a diferença de idade e a desigualdade de poder que muitas vezes existe em interações de pessoas de diversas faixas etárias. As

atividades dessa segunda etapa não foram muito diferentes das atividades da primeira, mas acrescentamos algumas questões com base na violência estrutural e a importância de que ela seja abordada, principalmente no contexto dos jovens. Foram organizadas atividades de capacitação profissional; desenvolvidos materiais específicos, dirigidos não só para os jovens *gays*, mas também para os pais; criados materiais direcionados a grupos específicos como o de transformistas, travestis, trabalhadores do sexo, etc.

A valorização da diversidade e a conquista dos direitos têm sido constantes nesse trabalho. Outro ponto de fundamental importância tem sido escutar o que esses jovens têm a dizer, bem como servir como fonte de pesquisa para eles e para outros grupos/instituições que trabalham com esse tema.

Desafios para o Futuro

Após fazer esta retrospectiva da atuação da ABIA no enfrentamento à epidemia de HIV/AIDS no Brasil, lembro que a falta de dados sobre as práticas sexuais frente à epidemia de AIDS dificulta a nossa ação. Há uma necessidade urgente de realizar pesquisas, tanto epidemiológicas - com dados quantitativos sobre comportamentos sexuais que possibilitem o monitoramento comportamental da epidemia - quanto sociais e culturais, que trabalhem melhor as questões de identidades, de construção, de subjetividades, que também são fundamentais para entender o trabalho que fazemos. Um segundo desafio nesse momento, que poderíamos chamar de Desafio da Discriminação, é enfrentar, fora e dentro do meio *gay*, o racismo, a discriminação de gênero e de idade, a homofobia externa (mas também internalizada na própria comunidade homossexual), e a discriminação, ainda presente no mundo *gay*, frente às pessoas vivendo com HIV/AIDS. Sem enfrentar estas formas de discriminação não vamos avançar de uma maneira significativa.



Há, ainda, um terceiro desafio: o Desafio das Práticas Eróticas. Trabalhamos muitas vezes com uma sexualidade quase imaginária, diferente do que está acontecendo nas ruas. Isso faz com que as nossas ações educativas não atinjam de fato o resultado que esperamos. Por isso, precisamos entender quais as práticas que são realmente adotadas.

Um último desafio não pode ser esquecido: o da Transformação Cultural. A reprodução e mediação eletrônica da homossexualidade como um fenômeno é inegável hoje em dia. O chamado 'Capitalismo Cor-de-Rosa' está cada vez mais presente na mídia, mas as ONGs ainda não sabem muito bem o que fazer com isso.

O enfrentamento desses desafios vai nos ajudar a fundamentar melhor o nosso trabalho. Através dele poderemos pensar sobre os próximos caminhos que a comunidade *gay* deve seguir na luta contra a epidemia de HIV/AIDS.

Juventude e Diversidade Sexual: Novos Caminhos

VERIANO TERTO JR.
COORDENADOR GERAL DA ABIA

Desde novembro de 2004 o projeto "Juventude e Diversidade Sexual" vem incrementando suas atividades a partir de novas parcerias com agências de cooperação como o PACT do Brasil e o Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde. Tal incremento resultará numa ampliação tanto das atividades do projeto desenvolvidas até o momento, quanto daquelas de intervenção (distribuição de material educativo nos locais de homosociabilidade), assim como na implementação de novas atividades, como por exemplo a diversificação das oficinas na sede da ABIA.

As oficinas passarão a incluir desde palestras, debates e cursos de capacitação, a reuniões de convivência e mini-cursos, e continuarão abertas à participação gratuita da comunidade. Uma das atividades previstas para o próximo ano é a realização de uma pesquisa para conhecer comportamentos e atitudes relacionadas à AIDS, saúde e cidadania entre a população jovem HSH (Homens que Fazem Sexo com Homens) com do Rio de Janeiro. Além disso, já estamos pensando na realização de mais um seminário nacional ao final de 2005.

A partir dos próximos números o EXTRA G estará divulgando o programa de atividades do projeto e reiterando o convite à participação de todos. Esperamos, com esta iniciativa, reforçar os laços de parceria com todo um conjunto de ONGs, proprietários de estabelecimentos comerciais, profissionais de saúde e ativistas comprometidos com os esforços de prevenção ao HIV/AIDS no que tange à população HSH do Brasil (em especial do Rio de Janeiro).

Em breve, novos materiais educativos estarão circulando pelos **points** de homosociabilidade do Rio de Janeiro. Quanto às oficinas, continuaremos mantendo o horário das quintas-feiras, das 17 às 20h, na sede da ABIA. Logo divulgaremos as atividades das quintas-feiras.

Esperamos continuar contando com a participação e o apoio de todos nesta nova oportunidade para trabalhar a solidariedade.



ABIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
INTERDISCIPLINAR DE AIDS

CONVIDA PARA O
LANÇAMENTO DA NOVA
FASE DO PROJETO



Ilustração: Felipe Rios

JUVENTUDE E DIVERSIDADE SEXUAL: NOVOS CAMINHOS

16/ 12/ 2004

15h

Rua da Candelária, 79

10º andar - Centro

Aconteceu

Em votação ocorrida em 16 de novembro de 2004, a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro derrubou o veto do Governo do Estado ao artigo da Lei 666/2003 que suspendia o direito de pensão a companheiros do mesmo sexo de servidores estaduais – direito que já estava garantido pela Lei 3702/2002. Foram 36 votos favoráveis à derrubada do veto contra 21 que o apoiavam.

Saiba Mais:

A Rede DAWN (Alternativas de Desenvolvimento com as Mulheres por uma Nova Era) é uma rede de mulheres engajadas em pesquisas e análises feministas do contexto global e comprometidas com a justiça econômica, a justiça de gênero e a democracia. Esta rede trabalha em âmbito mundial e regional, atuando por áreas temáticas, tais como: Economia Política Globalizada; Reforma Política e Transformação Social; Saúde e Direitos Reprodutivos e Sexuais. Esta última área temática é coordenada pela pesquisadora Sonia Corrêa e vincula-se à ABIA, como um projeto associado.

Sonia Corrêa também coordena juntamente com Richard Parker, presidente da ABIA, o IWGSSP (Grupo de Trabalho Internacional sobre Sexualidade e Políticas Sociais), integrado por 12 pesquisadoras(es) de diferentes regiões do mundo. O IWGSSP considera o tema sexualidade como uma questão-chave para a mudança social, e objetiva contribuir em debates sobre políticas globais relativas a este campo.

Maiores informações:

www.dawn.org.br ou
angela@dawn.org.br

Anota aí:

Dando continuidade às nossas QUINTAS TRANSGRESSIVAS, divulgamos aqui a agenda do mês. 17 às 20 h, na sede da ABIA.

■ 2/12/2004 - Peça teatral FRUTO PROIBIDO, pelo grupo Artemanha, subgrupo do CTO – RIO, tratando de AIDS, desestruturação familiar, preconceito, desconfiança e desvalorização no trabalho.

■ 9/12/2004 - "Oficina de libertinagem" com Fernando Callado: partindo da análise de textos do Marquês de Sade e trabalhando os sentidos do corpo.

■ 16/12/2004 - Lançamento do novo JUVENTUDE E DIVERSIDADE SEXUAL. A partir do próximo número o Extra G estará divulgando o programa de atividades do novo projeto e reiterando o convite à participação de todos que estão comprometidos com os esforços de prevenção ao HIV/AIDS.

■ 14/01/2005 - CONVIDAMOS A TODOS para o lançamento do vídeo BORBOLETAS DA VIDA, dirigido por Vagner de Almeida. Sob a lente do diretor as transformações existenciais e sexuais dos jovens ganham a devida visibilidade, muitas vezes oculta na vida cotidiana. (Local: Centro Cultural Banco do Brasil, Rua 1º de Março, 66, 4º andar, das 20 às 22h).



Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
Entidade de utilidade pública federal, estadual e municipal, de fins filantrópicos.

DIRETORIA

Diretor-presidente: Richard Parker
Diretora vice-presidente: Regina Maria Barbosa
Secretária-geral: Miriam Ventura
Tesoureiro: José Loureiro
Coordenação geral: Maria Cristina Pimenta e Veriano Terto Júnior

O Extra G é um veículo de informação do Projeto Juventude e Diversidade Sexual
Distribuição gratuita

Editores: Ana Elisabeth Barros e Vagner de Almeida
Assistentes de edição: Josias Freitas e Fábio de Sá
Acompanhamento editorial: Wilma Ferraz
Programação visual e diagramação:
A 4 Mãos Comunicação e Design
Revisão de textos: Romero Oliveira Filho

Extra G • nº 9 • novembro de 2004
Impressão: Imprinta
Tiragem: 2.000 exemplares

Os textos assinados retratam a opinião de seus autores.

Apoio:

